

# Fome.doc

ENSAIO SOBRE A NECESSIDADE E A LIBERDADE.  
ROTEIRO DE FERNANDO KINAS.  
VERSÃO FINAL DE OUTUBRO DE 2017.

*No teatro.*

*Uma atriz, um ator, um músico.*

*Uma grande mesa de madeira. Duas cadeiras. Duas tribunas.*

*Os textos devem ser distribuídos ao elenco conforme os objetivos de cada montagem.*

*Recepção do público com sambas: O dia em que o morro descer e não for carnaval/Wilson das Neves; Balança povo/Martinho da Vila; Ronco da cuíca/Aldir Blanc e João Bosco; Batuque na cozinha/Martinho da Vila; O Vendedor de Bananas/Jorge Ben Jor.*

## PREFÁCIO AGRIDOCE

O organismo humano precisa continuamente de energia.

*[Música de kalimba. Quem enuncia o texto deve estar sem fôlego.]*

Em caso de carência alimentar, quando se passa fome, o organismo busca outras fontes de energia, armazenadas no corpo, especialmente no tecido adiposo. Assim as células capturam e absorvem a glicose e os carboidratos, queimando as gorduras para manter as necessidades básicas do organismo.

Nos indivíduos que já não possuem gordura estocada, o organismo retira a energia dos músculos, levando à perda de massa muscular e deixando o indivíduo

esquelético. O corpo alimenta-se de si mesmo.

Sem outras fontes de energia, o cérebro também é prejudicado, perdendo aos poucos a função de comandar o corpo. Dificuldade de raciocínio, tontura, inconsciência, náusea são comuns neste estágio.

Na fase extrema da fome o metabolismo já não trabalha normalmente, ele fica lento, comprometendo o funcionamento de todos os órgãos e impedindo a produção de substâncias importantes como os hormônios e as enzimas.

Não havendo mais recursos para satisfazer a fome, o indivíduo morre.

Durante este trabalho, milhares de pessoas, em todo o mundo, vão morrer de fome e das suas complicações.

*[Música Quartets I-VIII/John Cage.]*

## 1 • A mesa

### 1. DOCUMENTO E METÁFORA

Nossa história começa com esta mesa.

Uma mesa de madeira.

No teatro.

Em uma mesa banquetes são oferecidos.

Em uma mesa banquetes são organizados. Decididos.

Em uma mesa, também, a fome pode ser decidida.

Organizada.

Porque a fome como o banquete são decisões.  
Organizam-se banquetes e fome.  
Decidem-se banquetes e fome.

Nossa história começa com esta mesa.  
Uma mesa de madeira.  
No teatro.  
Em uma mesa banquetes são oferecidos.  
Em uma mesa banquetes são organizados. Decididos.  
Em uma mesa, também, a fome pode ser decidida.  
Organizada.  
Porque a fome como o banquete são decisões.  
Organizam-se banquetes e fome.  
Decidem-se banquetes e fome.

Não há fatalidade. A fome é uma decisão, como o banquete.  
A fome tem muitas causas, a falta de alimentos não é uma delas.  
A causa da fome é a riqueza, não a pobreza.  
Há guerras, sim. Há secas, gafanhotos, inundações, pragas. Sim.  
Mas a fome é uma decisão.

No entanto, não se organizam, não se assinam, não se decretam banquetes e fome em uma mesa de teatro.  
Não é verdade?  
Uma mesa é uma metáfora.  
E uma mesa é, também, um documento.

**[Toc toc toc. Fim da música.]**

Como esta colher é documento.  
Esta colher.  
E metáfora.  
Esta colher.  
Documento e metáfora da fome. Da luta contra a fome.  
Da sobrevivência.  
Do tempo e da história.  
Uma colher inspirada em um artista russo. Yuri Kuper.  
Gasta. De ferro. Torta. Carcomida.  
Marcada pelo tempo.  
Uma colher histórica!

Usura. Desgaste. Do ferro. Da luta. Da carne.  
Do humano.

Esta é a carne!  
Esta é a carne!  
A carne é também documento.  
E a carne é também metáfora.  
(Da luta, da dor, do sexo, do amor, do suor, da vida, da morte.)

E tudo: colher, carne, mesa e madeira.  
Metáfora ou documento.  
Documento e metáfora.  
Tudo existe no tempo.  
Existe no espaço.  
(E ele também - tempo/espaço - é documento e metáfora).  
Uma história.  
Uma história humana.  
No mundo.  
No teatro.

**2. CORO SHAKESPEARIANO (HENRIQUE V)**

**[Música de viola. Lençol de linho.]**

Que a musa de fogo aqui pudesse  
Subir ao céu brilhante da invenção!  
Reinos por palco, príncipes atores,  
Monarcas a observar a pompa cênica!  
Então o próprio Henrique, qual guerreiro,  
De Marte assumiria o porte; e, atrás,  
Presos quais cães, a fome, a espada e o fogo  
Aguardariam ordens. Mas perdoem  
Os mesquinhos espíritos que ousaram  
Neste humilde tablado apresentar  
Tema tão grande: conterà tal arena  
As planícies da França? Ou poderemos  
Segurar neste cercado de madeira os elmos  
Que assustaram os ares de Agincourt?

**[Revela o piso falso do teatro.]**



FOTO FERNANDO KINAS

Fome.doc, 2017

Peço perdão! Mas já que um zero pode  
Atestar um milhão em pouco espaço,  
Deixem que nós, as cifras desta conta,  
Acionemos a sua força de imaginação.  
Suponham que no abraço destes muros  
Estão confinadas duas monarquias,  
Cujas altas fachadas confrontadas  
Uma nesga de mar feroz separa.  
Com o pensamento curem nossas falhas;  
Em mil partes dividam cada homem,  
E criem poderio imaginário  
Pensem ver os cavalos de que falamos,  
Imprimindo na terra suas pegadas:  
Pois suas mentes vestem nossos reis,  
Carregando-os, por terras e por tempos,  
Juntando o que acontece em muitos anos  
Em uma hora; e, para ajudá-los,  
Admitam-me, o coro, nesta história  
Pra que de sua paciência eu peça  
Que julguem com bondade nossa peça.

### 3. A FOME E A BOCA

Então, quem fala e toca (ator, atriz, músico) ocupa um lugar.  
Fala a partir do seu lugar. Deste lugar.  
Neste lugar.  
Terras e tempos, diz Shakespeare.  
Invasão, genocídio, escravidão, latifúndio, monocultura, agronegócio, commodities, especulação.  
Esta lavoura arcaica travestida de máquinas, pesticidas, planilhas e chicote.  
Um ponto de vista.  
Este ponto de vista.  
Este ponto de vista.  
Este.

#### *[Diferentes posições com as duas mãos.]*

A humanidade, disse Josué de Castro, se divide em dois grupos:

o grupo dos que não comem  
e o grupo dos que não dormem,  
com medo daqueles que passam fome.

A ideia é a seguinte:

Não há monstros embaixo da cama.  
Não existem fantasmas.

**[Lençol de linho.]**

Exceto nos teatros. O pai de Hamlet. Exigindo vingança.  
Ou Pluft, o fantasma medroso.  
É a história da “porta aberta da dor”.  
Alguém abre a porta, alguém inventa a porta. Há uma porta. E há uma dor.

E há também a luta que expulsa a dor.  
Que tenta expulsar a dor.

54

**[Silêncio.]**

Passado o silêncio  
ditas estas palavras  
— estas! -  
outras palavras,  
gastas, de ferro (de sonho, de seda) e tortas,  
como esta colher  
— esta colher! -  
circularão.  
A palavra circulará.  
Como documento e como metáfora.

**2 • Documentos exemplares**

**1. O GENOCÍDIO INDÍGENA (BARTOLOMÉ DE LAS CASAS)**

**[Música Marin Marais/Jordi Savall. Os textos em espanhol devem ser ouvidos em gravação.]**

Los cristianos con sus caballos y espadas e lanzas

comienzan a hacer matanzas e crueldades extrañas en ellos. Entraban en los pueblos, ni dejaban niños ni viejos ni mujeres preñadas ni paridas que no desbarrigaban e hacían pedazos, como si dieran en unos corderos metidos en sus apriscos. Hacían apuestas sobre quién de una cuchillada abría el hombre por medio, o le cortaba la cabeza de un piquete o le descubría las entrañas. Tomaban las criaturas de las tetas de las madres, por las piernas, y daban de cabeza con ellas en las peñas. Otros daban con ellas en ríos por las espaldas, riendo e burlando e cayendo en el agua decían: bullís cuerpo de tal; otras criaturas metían a espada con las madres juntamente e todos cuantos delante de sí hallaban. Hacían unas horcas largas, que juntasen casi los pies a la tierra, e de trece en trece, a honor y reverencia de Nuestro Redemptor e de los doce apóstoles, poniéndoles leña e fuego los quemaban vivos. Otros ataban o liaban todo el cuerpo de paja seca, pegándoles fuego así los quemaban.

Os cristãos, com seus cavalos e espadas e lanças, começam a fazer matanças e crueldades estranhas. Entravam nos povoados indígenas, não deixavam crianças e velhos, nem mulheres grávidas ou paridas que não estripavam e faziam em pedaços, como se fossem cordeiros em seus currais. Faziam apostas sobre quem com uma única facada abria um homem ao meio, ou cortava sua cabeça com um golpe ou expunha suas entranhas. Tomavam as crianças dos seios de suas mães, pelas pernas, e as jogavam de cabeça contra as pedras. Outros, as atiravam nos rios, rindo e gozando, e caindo na água diziam: mexam agora; em outras crianças enfiavam a espada com as mães junto, e todos aqueles que estavam por perto. Faziam umas forcas longas, de modo que os pés quase tocavam a terra, e de treze em treze, em honra e reverência a Nosso Redentor e aos doze apóstolos, colocando lenha e fogo, queimavam-nos vivos. Outros eram atados ou amarrados em todo o corpo com palha seca e depois punham fogo, assim os queimavam. Tienen los españoles de las Indias enseñados y amestrados perros bravísimos y ferocísimos para matar y despedazar los indios. Sepan todos los que son

verdaderos cristianos y aun los que no lo son si se oyó en el mundo tal obra, que para mantener los dichos perros traen muchos indios en cadenas por los caminos, que andan como si fuesen manadas de puercos, y matan dellos, y tienen carnicería pública de carne humana, e dícense unos a otros: “Préstame un cuarto de un bellaco desos para dar de comer a mis perros hasta que yo mate otro”, como si prestasen cuartos de puerco o de carnero.

¿Qué puede ser más fea ni fiera ni inhumana cosa?

Os espanhóis que estão nas Índias possuem cães muito selvagens, instruídos e ensinados a matar e despedaçar os índios. Que todos os que são cristãos e mesmo os que não o são, vejam se jamais se ouviu coisa semelhante no mundo: para nutrir esses cães, os espanhóis, por toda parte aonde vão, levam consigo muitos índios acorrentados, como se fossem porcos e matam-nos para nutrir os cães, arrastando consigo um açougue de carne humana. E um diz ao outro: empresta-me um quarto de índio para dar de comer a meus cães, até que eu também mate algum; fazem isso como se pedissem emprestado um quarto de porco ou de ovelha.

Haverá coisa mais horrível, brutal e desumana?

## **2.** A ESCRAVIDÃO ATUAL (CAROLINA MARIA DE JESUS)

**[Chuva teatral. Texto gravado, ouvido através de um celular.]**

13 de maio de 1958.

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

Continua chovendo. Eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu

ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

Eu tenho tanta dó dos meus filhos. Quando eles veem as coisas de comer eles bradam: Viva a mamãe. A manifestação me agrada. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura pra Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim: Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina.

**[Frase não gravada.]** Carolina Maria de Jesus.

Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A minha filha Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a dona Alice. Ela me deu a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual, a fome!

## **3.** A UTILIDADE DA ESCRAVIDÃO (JOSÉ DE ALENCAR)

A utilidade da escravidão.

**[O texto deve ser lido em dois grandes, velhos e empoeirados livros.]**

A escravidão é um fato social, como são ainda o despotismo e a aristocracia; como já foram a compra da mulher, a propriedade do pai sobre os filhos e tantas outras instituições antigas.

A escravidão caduca, mas ainda não morreu; ainda se prendem a ela graves interesses de um povo. É quanto basta para merecer o respeito.

Lançar o ódio sobre as instituições vigentes, qualificando seus defensores de espíritos mesquinhos e retrógrados, é um terrível precedente em matéria de reforma. A liberdade e a propriedade, essas duas fibras sociais, cairiam desde já em desprezo ante os sonhos do comunismo.

Mais bárbaras instituições, porém, do que a escravidão, já existiram e foram respeitadas por nações não menores em virtude do que as modernas.

Toda a lei é justa, útil, moral, quando realiza um melhoramento na sociedade e apresenta uma nova situação, embora imperfeita da humanidade.

Neste caso está a escravidão.

É uma forma, rude embora, do direito; uma fase do progresso; um instrumento da civilização, como foi a conquista. Na qualidade de instituição me parece tão respeitável como a colonização; porém muito superior quanto ao serviço que prestou ao desenvolvimento social.

Se a escravidão não fosse inventada, a marcha da humanidade seria impossível.

O primeiro capital do homem foi o próprio homem.

**[Música Passacaglia/Heinrich Biber.]**

Na Europa, a salutar influência do Cristianismo adotou a escravidão; e a organização da sociedade foi operando nela uma transformação lenta. Entrou aquela antiquíssima instituição em outra fase, a servidão, que só foi completamente extinta com a Revolução Francesa.

O escravo deixou de ser coisa, ou animal; tornou-se homem, como exigia Sêneca; mas o homem propriedade, preso ao solo ou à pessoa do senhor feudal.

Havia quinhentos anos que se extinguiu na Europa a escravidão, quando no século XV ressurgiu ela de re-

pente e no seio da civilização.

Por que razão?

Os filantropos abolicionistas, elevados pela utopia, não sabem explicar este acontecimento. Vendo a escravidão por um prisma odioso, recusam-lhe uma ação benéfica no desenvolvimento humano.

Ressurge a escravidão no século XV suscitada pela mesma indeclinável necessidade que a tinha criado em princípio e mantido por tantos milênios.

Sem a escravidão africana e o tráfico que a realizou, a América seria ainda hoje um vasto deserto. O escravo era um instrumento indispensável. Tentaram supri-lo com o índio; este preferiu o extermínio.

Vem muito a propósito parodiar a palavra célebre de Aristóteles:

“Se a enxada se movesse por si mesma era possível dispensar o escravo.”

**[Pausa. Fim da Passacaglia/Heinrich Biber.]**

Chego à questão da atualidade da escravidão.

É a escravidão um princípio exausto, que produziu todos os seus bons efeitos e tornou-se, portanto, um abuso, um luxo de iniquidade e opressão?

Nego, e o nego com a consciência do homem justo, que venera a liberdade; com a caridade do cristão, que ama seu semelhante e sofre na pessoa dele.

A raça branca, embora reduzisse o africano à condição de uma mercadoria, nobilitou-o não só pelo contacto, como pela transfusão do homem civilizado.

**[Percussão e dança miscigenadas. Na sequência, 9ª Sinfonia, Ode à alegria/Beethoven.]**

Sem esse enorme estômago, chamado Europa, que anualmente digere aos milhões os gêneros coloniais, a escravidão não regurgitaria na América. Mas era preciso alimentar o colosso; e satisfazer o apetite voraz.

O filantropo europeu, entre a fumaça do bom tabaco de Havana e da taça do excelente café do Brasil, se enleva em suas utopias humanitárias e arroja contra estes países uma aluvião de injúrias pelo ato de manterem o trabalho servil. Mas por que não repele o moralista com asco estes frutos do braço africano?

Em sua teoria, a bebida aromática, a especiaria, o açúcar e o delicioso tabaco são o sangue e a medula do escravo. Não obstante, ele os saboreia. Sua filantropia não suporta esse pequeno sacrifício de um gozo requintado; e, contudo, exige dos países produtores que, em homenagem à utopia, arruinem sua indústria e ameacem a sociedade com uma sublevação.

#### **[Pausa curta.]**

Conservar escravo o homem que nasceu tal é uma instituição; reduzir à escravidão pessoa livre é um crime.

A única transição possível entre a escravidão e a liberdade é aquela que se opera nos costumes e na índole da sociedade. O domínio do senhor se reduz, então, a uma tutela benéfica.

#### **[Sinhazinha e escravo.]**

Viesse ao Brasil algum estrangeiro, desses que devaneiam em sonhos filantrópicos nas poltronas estufadas dos salões parisienses, e entrasse no seio de uma família brasileira. Vendo a dona da casa, senhora de primeira classe, desvelar-se na cabeceira do escravo enfermo; ele pensaria que a filantropia já não tinha o que fazer onde morava desde muito a caridade.

Estudando depois a existência do escravo, a satisfação de sua alma, a liberdade que lhe concede a benevolência do senhor; se convenceria que esta revolução dos costumes trabalha mais poderosamente para a extinção da escravatura do que uma lei porventura votada no parlamento.

Todas as concessões que a civilização vai obtendo do coração do senhor limam a escravidão sem a desmoralizar. O cativo, se for libertado, permanecerá em companhia do senhor; e se tornará em criado.

O liberto por lei é inimigo nato do antigo dono; foge da casa onde nasceu.

Para a casta dominante, especialmente a agrícola, a libertação significa a ruína pela deserção dos braços e a impossibilidade de sua pronta substituição; significa igualmente o perigo e o sobressalto da insurreição iminente.

José de Alencar, escritor e político, 1867.

## **4. HOJE AMANHECEU CHOVENDO** (CAROLINA MARIA DE JESUS)

13 de maio de 1958.

### **[Chuva, que continua durante a próxima cena.]**

Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

70 anos. 100 anos. 130 anos...

## **5. A FOME E O CAMPO (PRIMO LEVI)**

Tudo ao redor é cinza, e nós também somos cinzentos; de manhã, quando ainda está escuro, todos esquadrihamos o céu à espera dos primeiros sinais da primavera, e cada dia comenta-se o levantar do sol - hoje um pouco antes do que ontem, hoje um pouco mais quente; em dois meses, num mês, o frio abrandará, teremos um inimigo a menos.

Acabado o frio, que durante todo o inverno nos parecia o único inimigo, nos demos conta de ter fome, e, voltando ao mesmo erro, hoje repetimos: - Se não fosse por essa fome... Como poderíamos pensar em

não ter fome? O Campo de Concentração é a fome; nós mesmos somos a fome, uma fome viva.

Assim como nossa fome não é apenas a sensação de quem deixou de almoçar, nossa maneira de termos frio mereceria uma denominação específica. Dizemos “fome”, dizemos “cansaço”, “medo” e “dor”, dizemos “inverno”, mas trata-se de outras coisas. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres que viviam, entre alegrias e tristezas, em suas casas.

Se os Campos de Extermínio tivessem durado mais tempo, teria nascido uma nova, áspera linguagem, e ela nos faz falta agora para explicar o que significa trabalhar o dia inteiro no vento, abaixo de zero, vestindo apenas camisa, roupa de baixo, casaco e calças de brim e tendo dentro de si fraqueza, fome e a consciência da morte que chega.

Primo Levi.

58

## 6. A DAMA (MAHMUD DARWICH)

*[Música Sur cette terre/Trio Joubran, incluindo a declamação de Mahmud Darwich + música de viola.]*

Nesta terra, há coisas que merecem viver: a hesitação de abril, o cheiro do pão ao amanhecer, as opiniões de uma mulher sobre os homens, os escritos de Êsquilo, o início do amor, a erva sobre uma pedra, as mães de pé sobre um fio de flauta e o medo que a recordação inspira aos conquistadores.

Nesta terra, há coisas que merecem viver: o fim de setembro, uma mulher que entra nos quarenta com todo seu vigor, a hora de sol na prisão, as nuvens que imitam um bando de criaturas, as aclamações de um povo pelos que caminham, sorridentes, para a morte e o medo que as canções inspiram aos tiranos.

Nesta terra, há coisas que merecem viver: nesta terra está a dona da terra, mãe dos prelúdios e dos epílogos. Chamavam-lhe Palestina. Continua a chamar-se Pa-

lestina. Minha Dama, eu mereço, mereço viver, porque você é a minha Dama.

## 7. HOMENS E CARANGUEJOS (JOSUÉ DE CASTRO)

Com as sombrias imagens dos mangues e da lama eu comecei a criar o mundo da minha infância.

*[Música de viola.]*

Triste vida de posseiro  
junto à Alagoa Amarela.

*[Cantando.]*

Vinte anos sobre a terra  
cavando o faltoso pão,  
vinte anos de promessa  
com a mesma enxada na mão,  
catorze filhos no mundo  
fora os que estão no caixão.  
Peguei na espingarda velha  
como quem pega o enxadão,  
com a força que a fome dá  
pra quem defende seu pão.

Foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angústia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco matando a sua fome. E vi também os homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome.

*[Negros borrões. Lama.]*

Pouco a pouco, por sua obsessiva presença, este vago desenho da fome foi ganhando relevo, foi tomando forma e sentido em meu espírito. Fui compreendendo que toda a vida dessa gente girava sempre em torno de uma só obsessão – a angústia da fome. Sua própria linguagem era uma linguagem que quase não fazia alusão a outra coisa. A sua gíria era sempre carregada de palavras evocando comidas. As comidas que desejavam com desenfreado apetite. A propósito de tudo se dizia: é uma sopa, é uma canja, é um tomate, é uma ova, é um abacaxi, é batata, é pão-pão queijo-queijo, é uma marmelada, é mamão com açúcar... Era como se esta gíria fosse uma espécie de compensação mental de um povo sempre faminto. De um povo inteiro de barriga vazia, mas com a cabeça cheia de comidas imaginárias. É que a comida lhes havia subido à cabeça, como o sexo sobe à cabeça dos impotentes, estes famintos de amor.

Vê-los agir, falar, lutar, sofrer, viver e morrer era ver a própria fome modelando, com suas despóticas mãos de ferro, os heróis do maior drama da humanidade – o drama da fome.

Pensei, a princípio, que a fome era um triste privilégio desta área onde eu vivia – a área dos mangues. Depois verifiquei que, no cenário da fome do Nordeste, os mangues eram uma verdadeira terra de promissão que atraía os homens vindos de outras áreas de mais fome ainda. Da área das secas e da área da monocultura da cana-de-açúcar, onde a indústria açucareira esmagava, com a mesma indiferença, a cana e o homem: reduzindo tudo a bagaço.

Era um curso inteiro que eu fazia sobre a fome, quando ouvia, com um interesse sempre crescente, as intermináveis histórias contadas por meu pai sobre as agruras sofridas pela nossa família, na seca de 1877. Da presença da fome na zona do açúcar, tomei conhecimento mais detalhado através do relato monótono de dois velhos negros que tinham sido escravos na juventude e que desfilavam suas lembranças da época enquanto cortavam grama para os cavalos de meu pai.

Mesmo quando ia me distrair, assistindo aos cantadores de feira ou ao espetáculo do bumba-meu-boi, o que encontrava diante de mim, representando, falando, gesticulando, era sempre a fome em seus numerosos disfarces. Eram os violeiros cantando:

***[Canta-se a mesma música do início da cena.]***

E no bumba-meu-boi, o que eu via era um estranho boi de duas pernas apenas, o mais humano dos bois que eu tinha encontrado na vida, sofrendo como um homem, chorando e revoltando-se como gente. E eu me tomava de amores por aquele boi magro e seco, tão magro e tão seco que, na verdade, era só cabeça e na cabeça era só chifres. Enormes chifres balançando no ar como um fantasma de boi.

***[Lençol de linho.]***

Realmente o boi era só chifres e pelo, porque carne não tinha, como afirmava em sua cantoria o vaqueiro que, apalpando o boi por toda parte, nunca encontrava em parte alguma sinal de carne.

E foi assim que, pelas histórias dos homens e pelo roteiro do rio, fiquei sabendo que a fome não era um produto exclusivo dos mangues. E quando cresci e saí pelo mundo afora, vendo outras paisagens, percebi com nova surpresa que o que eu pensava ser um drama do meu bairro, era um drama universal.

Que a paisagem humana dos mangues se reproduzia no mundo inteiro. Que aqueles personagens da lama do Recife eram idênticos aos personagens de inúmeras outras áreas do mundo, assoladas pela fome. Que aquela lama humana do Recife, que eu conhecera na infância, continua sujando até hoje toda a paisagem do nosso planeta como negros borrões de miséria: as negras manchas demográficas da geografia da fome.

Josué de Castro.

## 8. RELATÓRIO SOBRE A FOME NO MUNDO: O CASO DOS TUBARÕES-TIGRE (JEAN ZIEGLER)

*[Música Não Fome!/Cólera + som do solstício de inverno.]*

Apenas dez sociedades, entre as quais Aventis, Monsanto e Syngenta, controlam um terço do mercado mundial de sementes, 23 bilhões de dólares por ano, e 80% do mercado mundial de pesticidas, 28 bilhões de dólares. Dez outras sociedades, entre elas a Cargill, controlam 57% das vendas dos trinta maiores varejistas do mundo e representam 37% das receitas das cem maiores sociedades fabricantes de produtos alimentícios e de bebidas. E cinco empresas controlam 77% do mercado de adubos: Bayer/Monsanto, Syngenta, Basf, Cargill, DuPont.

Como funciona a Cargill:

60

Em Tampa, na Flórida, a Cargill produz adubos à base de fosfato. Com esse adubo, ela fertiliza as suas plantações de soja nos Estados Unidos. Na Flórida, os grãos do cereal são transformados em farinha, nas fábricas da Cargill. Em navios, da Cargill, essa farinha é enviada à Tailândia, onde alimenta os frangos criados em granjas da Cargill. Engordados, os frangos são abatidos e eviscerados em instalações quase inteiramente automatizadas, da Cargill. A Cargill embala os frangos, que a sua frota transporta para o Japão, as Américas e a Europa. Finalmente, caminhões da Cargill os distribuem aos supermercados, muitos dos quais pertencem às famílias... MacMillan. E Cargill. Acionistas que detêm 85% do controle do truste transcontinental.

No mercado mundial, os oligopólios jogam todo o seu peso para impor os preços dos alimentos. Oligopólio é o nome científico para tubarão-tigre.

*[Cena do tubarão-tigre. A música faz referência a Jaws/John Williams.]*

O tubarão-tigre é um animal enorme, da família dos carcarrínídeos, carnívoro e extremamente voraz. Dotado de grandes dentes e olhos negros, é um dos seres mais temíveis do planeta. Está presente em todos os mares temperados e tropicais, preferindo as águas turvas. Com suas mandíbulas, exerce uma pressão de várias toneladas por centímetro quadrado. Para manter a oxigenação de seu organismo, tem que nadar permanentemente. É capaz de detectar uma gota de sangue diluída em 4,6 milhões de litros de água.

O especulador de bens alimentares que atua na bolsa de matérias-primas agrícolas de Chicago (Chicago Commodity Stock Exchange) corresponde muito bem à descrição do tubarão-tigre. Ele também é capaz de detectar suas vítimas a dezenas de quilômetros e de aniquilá-las em um instante, satisfazendo sua voracidade ou, dito de outra maneira, realizando lucros fabulosos.

Em suma: com os Estados ocidentais mostrando-se incapazes para impor quaisquer limites jurídicos aos especuladores, o banditismo bancário floresce atualmente mais do que nunca. Contudo, como consequência da implosão dos mercados financeiros, que eles mesmos provocaram em 2008, os tubarões-tigre mais perigosos migraram para os mercados de matérias-primas, especialmente os mercados agroalimentares.

As leis do mercado impõem a ignorância intencional do fato que a alimentação é um direito humano, um direito de todos. O especulador de matérias-primas alimentares atua em todas as frentes e sobre tudo capaz de trazer algum ganho - joga especialmente com a terra, os insumos, as sementes, os adubos, os créditos e os alimentos.

*[Canção do desabastecimento/Victor Jara. O próximo texto deve se sobrepor à música.]*

## 9. LEMBRETE 1

Folha de S. Paulo, 22 de setembro de 2016.

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, disse nesta quarta-feira que a mudança da legislação para permitir a compra de terras por estrangeiros seria positiva no esforço do governo para aumentar os investimentos no país.

“Esse é um assunto fundamental e nós achamos que de fato seria positivo se fosse aprovado, na medida em que aumenta o investimento no Brasil e a produtividade geral da economia”, disse o ministro após encontro com empresários em Nova York.

A ideia de liberar a venda de terras agrícolas a estrangeiros tem sido discutida pelo governo Michel Temer, depois de ter sido vetada em 2010. O objetivo é aumentar investimentos na produção, mas falta detalhar o projeto.

## **10.** O LIVRO E O MAPA DA FOME (GRACILIANO RAMOS E MARTÍN CAPARRÓS)

### **[Lendo o livro *Vidas secas.*]**

Na planície avermelhada, os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala.

Assim começa *Vidas secas*, romance de Graciliano Ramos, publicado em 1938. Eles continuam caminhando, famintos. A história **[folheia o livro]** não acabou.

### **[Um mapa da região é mostrado.]**

Aqui está o Níger, África. Numa aldeia isolada mora Aisha, ela tem entre 30 e 35 anos, olhos de tristeza, um pano lilás cobrindo todo o resto [o mapa é usado como pano]. Aisha come todos os dias uma bola de milho, só uma bola de milho. Em alguns dias, nem isso. Eu pergunto:

— Se você pudesse pedir o que quisesse, qualquer coisa, para um gênio da lâmpada, o que você pediria?

Aisha demorou um tempo, como quem estivesse diante de uma coisa impensável:

— O que eu quero é uma vaca, que me dê muito leite; então, se eu vender um pouco do leite, posso comprar as coisas para fazer doce e vender no mercado. Com isso eu me ajuntaria mais ou menos.

— O que estou dizendo é que o gênio da lâmpada pode lhe dar qualquer coisa, o que você pedir.

— De verdade, qualquer coisa?

— Sim, qualquer coisa.

### **[Silêncio.]**

— Duas vacas?

Duas vacas. Ela me disse isso sussurrando e explicou:

— Com duas vacas eu não passaria mais fome.

Era muito pouco. E era tanto.

## **11.** VENENO OU AS IRMÃS SIAMESAS (CARGILL E MONSANTO)

### **[Um paletó para dois. Música *March/Anthony Braxton.*]**

Produzimos e comercializamos internacionalmente produtos e serviços alimentícios, agrícolas, financeiros e industriais. Em parceria com produtores, clientes, governos e comunidades, e por meio de 150 anos de experiência, nós ajudamos a sociedade a prosperar. Temos 150 mil funcionários em 70 países que estão comprometidos em alimentar o mundo de forma responsável, reduzindo impactos ambientais e melhorando as comunidades onde vivem e trabalham. Nós somos a Cargill.

Bilhões de pessoas dependem do que os agricultores produzem. E outros bilhões também dependerão no futuro. Nas próximas décadas, os agricultores terão que produzir uma quantidade de alimentos comparável à soma de tudo o que já produziram nos últimos



10 mil anos. Nosso objetivo é trabalhar em conjunto com os agricultores, pesquisadores e diversas instituições para aumentar a produtividade e tornar a agricultura mais sustentável. Nós ajudamos a produzir mais alimentos desenvolvendo sementes, biotecnologia e produtos para a proteção de cultivos. Nós somos a Monsanto.

*[Cena improvisada revelando ao público que os textos acima foram retirados dos sites das empresas Cargill e Monsanto.]*

**Lembrete 2:** Segundo a revista Exame, em 2016 a Bayer comprou a Monsanto por 66 bilhões de dólares. A Bayer é famosa pelas aspirinas que vende. Ela foi contratada pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e usou trabalho forçado. Atualmente, a empresa com sede em Leverkusen, na Alemanha, fabrica medicamentos e tem uma unidade de ciências

agrícolas que produz maconha e pesticidas. Sua meta é dominar os mercados de produtos químicos e medicamentos para pessoas, plantas e animais.

**Lembrete 3:** Também segundo a revista Exame, a Monsanto é famosa por produzir alguns produtos químicos controversos e altamente tóxicos, como os bifenilos policlorados, conhecidos como PCBs e atualmente banidos, e o herbicida agente laranja, que foi usado pelo exército dos EUA no Vietnã. A Monsanto comercializou o herbicida Roundup nos anos 1970 e começou a desenvolver milho e sementes de soja geneticamente modificados nos anos 1980.

## **12.** FOME, COLONIALISMO E FILANTROPIA (OSCAR WILDE)

Os homens estão cercados pelos horrores da pobreza, pelos horrores da feiura, pelos horrores da fome. É inevitável que se emocionem diante de tudo isso. As

emoções são despertadas mais rapidamente do que a inteligência.

É muito mais fácil sentir simpatia pelos que sofrem do que sentir simpatia por uma ideia. Assim, com intenções louváveis, embora equivocadas, os homens se atiram, séria e sentimentalmente, na tarefa de remediar os males que veem. Mas seus remédios não curam a doença: eles só a prolongam. Na verdade, seus remédios são parte da doença.

Eles buscam solucionar o problema da pobreza, por exemplo, mantendo vivo o pobre; ou, segundo uma teoria mais avançada, divertindo o pobre. Mas isto não é uma solução: é um agravamento da dificuldade. A meta adequada é reconstruir a sociedade sobre bases que tornem a pobreza impossível. E as virtudes altruístas têm na realidade impedido de alcançar essa meta.

Assim, os piores escravagistas eram os que se mostravam mais bondosos com seus escravos, pois impediam que o horror do sistema fosse percebido pelos que o sofriam, e compreendido pelos que o contemplavam. Então, nas atuais circunstâncias, os que mais danos causam são os que mais procuram fazer o bem.

Oscar Wilde (1891).

### **13. GÊNIO DA RAÇA (GLAUBER ROCHA)**

#### **Eztetyka da Fome**

A América Latina permanece colônia e o que diferencia o colonialismo de ontem do atual é apenas a forma mais aprimorada do colonizador: e além dos colonizadores de fato, as formas sutis daqueles que também sobre nós armam futuros botes. O problema internacional da América Latina é ainda um caso de mudança de colonizadores, sendo que uma libertação possível estará ainda por muito tempo em função de uma nova dependência.

Este condicionamento econômico e político nos levou ao raquitismo filosófico e à impotência, que, às vezes

inconsciente, às vezes não, geram no primeiro caso, a esterilidade e no segundo a histeria.

A esterilidade: aquelas obras encontradas fartamente em nossas artes, onde o autor se castra em exercícios formais que não atingem a plena possessão de suas formas. O sonho frustrado da universalização: artistas que não despertaram do ideal estético adolescente.

A histeria: um capítulo mais complexo. A indignação social provoca discursos flamejantes. O primeiro sintoma é o anarquismo que marca a poesia jovem até hoje. O segundo é uma redução política da arte que faz má política por excesso de sectarismo. O terceiro, e mais eficaz, é a procura de uma sistematização para a arte popular.

A fome latina, por isto, não é somente um sintoma alarmante: é o nervo de sua própria sociedade. Aí reside a trágica originalidade do Cinema Novo diante do cinema mundial: nossa originalidade é a nossa fome e nossa maior miséria é que esta fome, sendo sentida, não é compreendida.

#### **[Febrilidade crescente.]**

De Aruanda a Vidas secas, o Cinema Novo narrou, descreveu, poetizou, discursou, analisou, exercitou os temas da fome: personagens comendo terra, personagens comendo raízes, personagens roubando para comer, personagens matando para comer, personagens fugindo para comer, personagens sujas, feias, descartadas, morando em casas sujas, feias, escuras: foi esta galeria de famintos que identificou o Cinema Novo com o miserabilismo tão condenado pelo Governo, pela crítica a serviço dos interesses antinacionais pelos produtores e pelo público – este último não suportando as imagens da própria miséria.

Este miserabilismo do Cinema Novo opõe-se à tendência do digestivo: filmes de gente rica, em casas bonitas, andando em carros de luxo: filmes alegres, cômicos, rápidos, sem mensagens, de objetivos pu-

ramente industriais. Estes são os filmes que se opõem à fome, como se, na estufa e nos apartamentos de luxo, os cineastas pudessem esconder a miséria moral de uma burguesia indefinida e frágil ou se mesmo os próprios materiais técnicos e cenográficos pudessem esconder a fome que está enraizada na própria incivilização. O miserabilismo, que era escrito como denúncia social, hoje passou a ser discutido como problema político.

O brasileiro não come, mas tem vergonha de dizer isto; e, sobretudo, não sabe de onde vem esta fome. Sabemos nós – que fizemos estes filmes feios e tristes, estes filmes gritados e desesperados onde nem sempre a razão falou mais alto – que a fome não será curada pelos planejamentos de gabinete e que os remendos do technicolor não escondem mas agravam seus tumores.

**[Música Technicolor/Mutantes. Delírio Tropicalista.]**

64

Assim, somente uma cultura da fome, minando suas próprias estruturas, pode superar-se qualitativamente: a mais nobre manifestação cultural da fome é a violência. A mendicância, tradição que se implantou com a redentora piedade colonialista, tem sido uma das causadoras de mistificação política e de ufanista mentira cultural: os relatórios oficiais da fome pedem dinheiro aos países colonialistas com o objetivo de construir escolas sem criar professores, de construir casas sem dar trabalho, de ensinar ofício sem ensinar o analfabeto.

O comportamento exato de um faminto é a violência, e a violência de um faminto não é primitivismo.

Uma estética da violência antes de ser primitiva é revolucionária. Enquanto não ergue as armas o colonizado é um escravo: foi preciso um primeiro policial morto para o francês perceber um argelino.

Onde houver um cineasta disposto a filmar a verdade e a enfrentar os padrões hipócritas e policialescos da



censura, aí haverá um germe vivo do Cinema Novo. Onde houver um cineasta disposto a enfrentar o comercialismo, a exploração, a pornografia, o tecnicismo, aí haverá um germe do Cinema Novo. Onde houver um cineasta, de qualquer idade ou de qualquer procedência, pronto a pôr seu cinema e sua profissão a serviço das causas importantes de seu tempo, aí haverá um germe do Cinema Novo. A definição é esta e por esta definição o Cinema Novo se marginaliza da indústria porque o compromisso do Cinema Industrial é com a mentira e com a exploração.

Este projeto se realiza na política da fome, e sofre, por isto mesmo, todas as fraquezas consequentes da sua existência.

**[A música chega ao paroxismo. É interrompida com um corte seco.]**

Glauber Rocha.

**14. PÔNEI (JOSUÉ DE CASTRO)**

**[Um mapa da região é mostrado.]**

Ilhas Shetland. Extremo setentrional do arquipélago britânico. 60º de latitude norte.

**[Um cavaliño é mostrado ao público.]**

Nessas ilhas desenvolveram-se os menores cavalos do mundo. Pensava-se que os pôneis das ilhas Shetland fossem uma raça de cavalos. Mas quando alguns negociantes resolveram criar pôneis nos Estados Unidos, que decepção! - em algumas gerações eles ficaram do tamanho de cavalos normais.

É que não há raça de pôneis.

Foi a extrema pobreza do solo das ilhas Shetland que determinou, em muitas gerações, a progressiva degradação da espécie.

**15. COMEDOR DE GILETE (ARY TOLEDO)**

**[Viola. Cantando a música de Carlos Lyra/Vinicius de Moraes/Ary Toledo, que dá nome à cena.]**

Eu um dia cansado que tava da fome que eu tinha  
Eu não tinha nada que fome que eu tinha  
Que seca danada no meu Ceará  
Eu peguei e juntei um restinho  
De coisa que eu tinha  
Duas calça velha e uma violinha  
E num pau de arara toquei para cá  
E de noite eu ficava na praia de Copacabana  
Zanzando na praia de Copacabana  
Dançando o xaxado pras moça olhar  
Virgem Santa! Que a fome era tanta  
Que nem voz eu tinha  
Meu Deus quanta moça, que fome que eu tinha...  
Zanzando na praia pra lá e pra cá

**[Narrando.]**

Foi aí então que eu arresolvi comer gilete... Tinha um cumpadre meu lá de Quixeramobim que ganhou um dinheirão comendo gilete na praia de Copacabana. Eu não sei não, mas eu acho que ele comeu tanta, mas tanta, que quando eu cheguei lá aquela gente toda já estava até com indigestão de tanto ver o cabra comer gilete. Uma vez eu

tava com tanta fome que eu disse assim prum moço que vinha passando:

- Ô, decente, vosmecê não deixa eu comer uma giletezinha pra vosmecê ver?
- Sai pra lá. Tu não te manca não, ô, Pau de arara?
- Só uma, que eu ainda não comi nadinha hoje.
- Tu enche, hein?

Aquilo me deixou tão aperreado que se não fosse o amor que eu tinha na minha violinha, eu tinha reben-tado ela na cabeça daquele... filho de uma égua!

**[Cantando.]**

Puxa vida, não tinha uma vida pior do que a minha  
Que vida danada que fome que eu tinha  
Zanzando na praia pra lá e pra cá  
Quando eu via toda aquela gente num come-que-  
come  
Eu juro que tinha saudade da fome  
Da fome que eu tinha no meu Ceará  
E aí eu pegava e cantava e dançava o xaxado  
E só conseguia porque no xaxado  
A gente só pode mesmo se arrastar  
Virgem Santa! A fome era tanta que inté parecia  
Que mesmo xaxando meu corpo subia  
Igual se tivesse querendo voar

**[Narrando.]**

Às vezes a fome era tanta que volta e meia a gente arrumava uma briguinha pra comer uma bóia lá no xadrez. Êta quentinho bom no estômago! Com perdão da palavra, a gente devolveia tudo depois, que a bóia já vinha estragada. Mas enquanto ela ficava quietinha ali dentro da barriga, quentinha, que felicidade! Não, mas agora as coisas tão melhorando. Tem uma dona muito bondosa lá em Higienópolis que gosta muito de ver é eu comer caco de “vridrio”. Isso que é bondade da boa. Com isso eu já juntei uns quinhentos merréis. Quando juntar mais um pouquinho, vou-me embora, volto pro meu Ceará!

**[Cantando.]**

Vou voltar para o meu Ceará  
Porque lá tenho nome  
Aqui não sou nada, sou só Zé-com-fome  
Sou só Pau de arara, nem sei mais cantar  
Vou picar minha mula  
Vou antes que tudo rebente  
Porque tô achando que o tempo tá quente  
Pior do que anda não pode ficar!

**16. CÉSAIRE E FANON**

Uma civilização que é incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento suscita é uma civilização decadente. A civilização chamada “europeia”, a civilização “ocidental”, tal como foi moldada por dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas que sua existência originou: o problema do proletariado e o problema colonial.

66

Segurança? Cultura? Justiça? Em todos os lugares onde existe colonizadores e colonizados, frente à frente, só há lugar para a força, a brutalidade, a crueldade, o sadismo, o golpe, e, como paródia, a formação cultural, a fabricação apressada de alguns milhares de subalternos, de empregados domésticos, de artesãos, de empregados de comércio, e dos intérpretes necessários para o bom funcionamento dos negócios.

Entre colonizador e colonizado só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o tributo, o roubo, a violação, a cultura imposta, o desprezo, a desconfiança, o silêncio dos cemitérios, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas.

Colonização = coisificação.

**[Música Zumbi/Jorge Ben Jor. A música é ouvida através de um aparelho portátil de som, semelhante ao que ocorre na cena 2 com o telefone celular.]**

A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorçada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada. É uma cidade de negros, uma cidade de árabes.

O que o colonizado viu é que podiam impunemente prendê-lo, espancá-lo, matá-lo de fome; e nenhum professor de moral, nenhum padre, jamais veio receber as pancadas em seu lugar nem partilhar com ele o seu pão.

Durante a colonização, o colonizado não cessa de se libertar entre nove horas da noite e seis horas da manhã.

Mas o confronto não pode ser adiado indefinidamente.

**17. ETIMOLOGIA (CÂMARA CASCUDO)**

Companheiro!

Companheira!

Esta palavra, companheiro, vem do latim cum panis. Significa aquele com quem dividimos o pão.

Aquele ou aquela em quem confiamos o suficiente para que venha se sentar na nossa mesa e dividir nossas ideias, nossas vitórias e derrotas, erros e acertos.

Ou para, simplesmente, dividir um pedaço de pão.

**18. LENDA DE PÁRIAS (TRADIÇÃO INDIANA)**

**[Música indiana com tambura.]**

Lenda de párias.

Dois viajantes indianos, que iam juntos pela estrada, começaram a discutir na encruzilhada de um bosque.

— Há muito teria eu chegado às margens sagradas do Ganges se não tivesse, para embaraçar-me, um companheiro como tu.

— Que gracejo tão singular! - respondia o outro. Ig-

noras então que por muito tempo fez parte dos corredores do Marajá de Maissur?

— Parece que ouço a tartaruga desafiar a lebre, pois tuas pernas degeneraram bem, depois dessa época.

Então ambos, desafiando-se mutuamente, tomaram por testemunha um pária que cortava capim na floresta. Os dois viajantes, tendo combinado que o ponto final da corrida seria um tamarindeiro que se encontrava a quinhentas calpas de distância (calpa é uma medida de distância indiana, que ninguém sabe quanto vale), depuseram seus alforjes abundantemente recheados de alimentos de toda espécie, e partiram correndo. Vendo aquilo o pária apoderou-se dos preciosos fardos e fugiu para o mais recôndito ponto do bosque.

Moral da história: É preciso aproveitar sempre as brigas dos poderosos, retirando delas algum benefício.

## **19.** PROVÉRBIOS DA FOME (TRADIÇÃO POPULAR BRASILEIRA)

Quem tem fome tem pressa.

Para boa fome, não tem mau pão.

Para boa fome, não tem pão velho.

Quem tem fome, sonha com pão.

A pão de quinze dias, fome de três semanas.

Pão de pobre cai sempre com a margarina pra baixo.

Casa onde não tem pão, todos brigam e ninguém tem razão.

Deus dá a farinha, mas não amassa o pão.

Deus dá nozes a quem não tem dentes.

Em tempo de guerra, urubu é frango.

A fome é má conselheira.

A fome é boa cozinheira.

A fome não espera pela fartura.

A fome é o melhor tempero.

A fome não tem lei.

O que não mata, engorda.

Quem tem fome, tudo come.

Saco vazio não para em pé.

Barriga vazia não conhece alegria.

Comida pouca, meu pirão primeiro.



FOTO ACERVO DA COMPANHIA

É melhor ter um ovo hoje do que uma galinha amanhã.

Mais vale um farto do que dois famintos.

Quando a fome bate à porta, o amor sai pela janela.

Formosura não mata fome.

Quem tem sede não morre de fome.

Casa é onde não tem fome.

## **20.** CASA É ONDE NÃO TEM FOME! (ELIANE BRUM)

### **[Cena com marionetes: pai, mãe, filho.]**

Eu acompanho Otávio das Chagas desde 2014. Naquele momento, ele, sua mulher Maria e os nove filhos estavam na primeira casa que não podia ser casa. Uma casa de madeira alugada numa periferia violenta de Altamira. Em 2015, mudaram-se para uma “unidade” de Reassentamento Urbano Coletivo (RUC), nome dos conjuntos habitacionais padronizados que a Norte

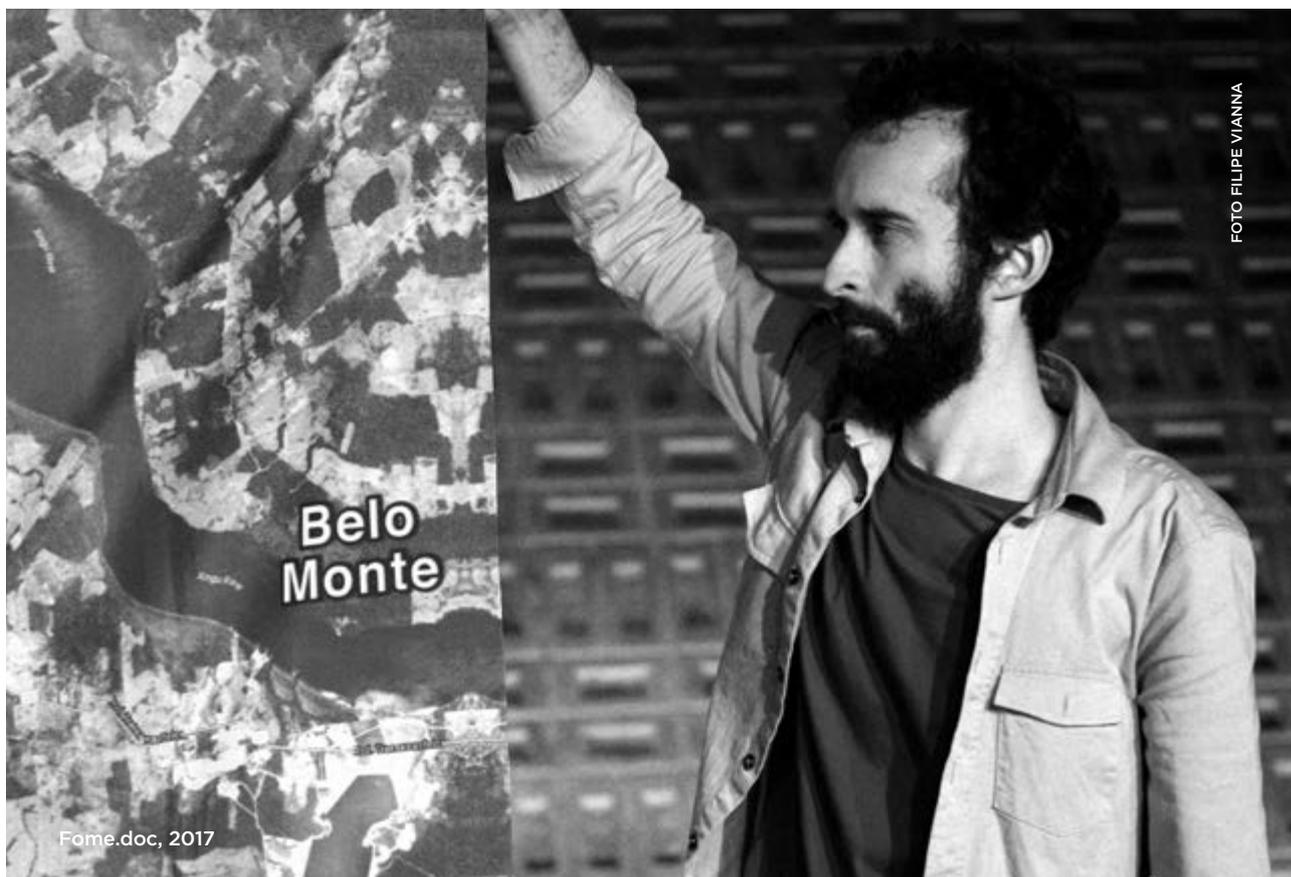
Energia construiu para abrigar as vítimas de “remoção compulsória”. Em 2016, dividiram-se: os dois filhos mais velhos permaneceram na casa padronizada, um deles já com sua própria família; Otávio, Maria e os filhos mais jovens transferiram-se para uma casa doada por um grupo de austríacos que se comoveu com as tribulações do pescador sem rio e sem letras. Todas as vezes em que bati em cada uma das três portas, eles passavam fome. Tinham teto, mas passavam fome. Era oficialmente uma casa, mas passavam fome. Em todas as vezes, só havia água na geladeira. Na semana passada, havia também uma cebola pequena. Fome é algo que fracasso em descrever. A fome não se escreve. Carolina Maria de Jesus, a escritora brasileira que conhecia a fome, escreveu: “A fome é amarela”. Maria, a mãe, tenta fazer caber nas palavras o que sente quando chega a passar até dois dias sem comer:

“Dá uma dor no estômago, uma tontice”. É uma pista, mas ainda não é a fome por escrito. “Eu não sei o que fazer quando as crianças ficam pedindo por comida”, ela continua.

Encaro os olhos fundos de Adriano, o menino de sete anos, e entendo sem letras. Entendo, mas sigo sem alcançar. Meu olhar não afunda nos olhos de poço, me falta a experiência. Adriano é mais uma doce criança com olhos de velho deste mundo. Quando o encontrei na segunda casa, a do RUC (Reassentamento Urbano Coletivo), em 2015, era o dia do seu aniversário. E não havia sequer um pedaço de pão para Adriano comer.

Casa é onde não tem fome, eles me ensinam. Se tem fome, é só teto.

*[Um mapa da região é mostrado.]*



Otávio das Chagas e sua família viviam há mais de trinta anos na Ilha de Maria, uma das centenas de ilhas do Xingu. Quando são expulsos da ilha a qual pertencem, Otávio, Maria e seus filhos já não reconhecem nem se reconhecem, porque a ilha era também espelho. Se alguém é obrigado a deixar sua terra por conta de uma guerra, de um terremoto ou da fome, haverá sempre a terra que ficou, haverá ruínas, haverá os mortos ali enterrados para dar conta do que foram, mesmo que nunca possam voltar. Otávio, Maria e seus filhos perderam a materialidade do que viveram, a memória física do que eram, do que são. Tudo o que dizia deles virou água pela força de Belo Monte. Da ilha afogada não há sequer um retrato. Restou a eles apontar as cicatrizes que documentam uma vida no único território que lhes restou: o do próprio corpo.

Quando foi expulso, em 2012, Otávio assinou com o dedo papéis que não era capaz de ler. Seus filhos assinaram por ele papéis que não eram capazes de ler. Receberam 12.994 reais e 2 centavos como indenização. Sua casa não foi considerada uma casa. Não cabia no conceito de casa do empreendedor. Quando a “remoção” dos habitantes das ilhas, das beiras e dos baixões, assim como das terras rurais, foi determinada, não havia defensoria pública na região.

O Governo de Dilma Rousseff abandonou a população do Xingu sem qualquer proteção jurídica na maior obra do setor elétrico do país, à mercê dos advogados da Norte Energia, uma violação de direitos que manchará para sempre a biografia da presidente afastada. Otávio e sua família foram jogados num dos bairros mais violentos da periferia de Altamira, onde pagavam um aluguel que, junto com a doença de uma das filhas, comeu o dinheiro da indenização em alguns meses. A casa alugada foi a primeira não-casa.

## **21.** CENA VERDE-AMARELA (JOSUÉ DE CASTRO E CAROLINA MARIA DE JESUS)

Vi homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim

enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome.

A fome é amarela. A fome é amarela. A fome é amarela.

## **22.** UM ARTISTA DA FOME (FRANZ KAFKA)

— Você continua jejuando? — perguntou o inspetor.

— Afinal quando vai parar?

— Peço desculpas a todos — sussurrou o artista da fome; só o inspetor, que estava com o ouvido colado às grades, o entendia.

— Sem dúvida — disse o inspetor, colocando o dedo na testa, para indicar aos funcionários, com isso, o estado mental do jejuador.

— Nós o perdoamos.

— Eu sempre quis que vocês admirassem meu jejum

— disse o artista da fome.

— Nós admiramos — retrucou o inspetor.

— Mas não deviam admirar — disse o jejuador.

— Bem, então não admiramos. Por que é que não devemos admirar?

— Porque eu preciso jejuar, não posso evitar.

— E por que não pode evitar?

— Porque eu — disse o artista da fome, levantando um pouco a cabeça e falando dentro da orelha do inspetor com os lábios em ponta, como se fosse um beijo, para que nada se perdesse. — Porque eu não pude encontrar o alimento que me agrada. Se eu tivesse encontrado, pode acreditar, eu não teria feito nenhum alarde e teria me empanturrado como você e todo mundo.

Estas foram suas últimas palavras, mas nos seus olhos apagados persistia a convicção firme, embora não mais orgulhosa, de que continuaria jejuando.

— Limpem isso aqui! — disse o inspetor.

E enterraram o artista da fome junto com a palha. Na jaula puseram uma jovem pantera. Até mesmo as

peessoas mais insensíveis acharam agradável ver o animal selvagem pulando na jaula que durante muito tempo parecera tão lúgubre. Nada lhe faltava. A comida que lhe agradava era trazida pontualmente pelos empregados e ela nem mesmo dava impressão de sentir a ausência de liberdade. Aquele corpo nobre, provido até estourar de tudo o que era necessário, dava a impressão de carregar consigo a própria liberdade; ela parecia estar escondida em algum lugar das suas mandíbulas. E a alegria de viver brotava da sua garganta com tamanha intensidade que para os espectadores não era fácil suportá-la. Mas eles se dominavam, apinhavam-se em torno da jaula e não queriam de modo algum sair dali.

### 23. HURBINEK, YAK, ABDULAH, JOSUÉ (PRIMO LEVI)

mass mass... mass-ti... mass-tik... mass mass-tiklo...  
mastiklo... mass mass...

70

Hurbinek era um nada, um filho da morte, um filho de Auschwitz. Parecia ter três anos, ninguém sabia nada dele, não falava e não tinha nome: aquele curioso nome, Hurbinek, foi dado por nós. Estava paralisado dos rins para baixo, tinha as pernas atrofiadas, finas como gravetos; mas os seus olhos, perdidos no rosto pálido e triangular, eram terrivelmente vivos, cheios de perguntas, de vontade de se libertar, de quebrar o túmulo do mutismo. As palavras que lhe faltavam, que ninguém teve o cuidado de lhe ensinar, a necessidade da palavra comprimia seu olhar com uma urgência explosiva: era um olhar selvagem e humano ao mesmo tempo, aliás maduro e de juiz, que ninguém podia suportar, tão carregado ele era de força e de tormento. Ninguém suportava, salvo Henek: era o meu vizinho de cama, dava de comer, ajeitava as cobertas, limpava o menino com mãos hábeis, desprovidas de repugnância. Após uma semana, Henek anunciou com seriedade, mas sem sombra de presunção, que Hurbinek “dizia uma palavra”. Qual palavra? Não sabia, uma palavra difícil: alguma coisa como “mass-klo”, “mastiklo”. De noite ficávamos com os ouvidos bem

atentos: era verdade, do canto de Hurbinek vinha de vez em quando um som, uma palavra, ou melhor, palavras articuladas, variações experimentais sobre um tema, uma raiz, talvez sobre um nome.

Hurbinek continuou, enquanto viveu, nas suas experiências obstinadas. Nos dias seguintes, todos nós o ouvíamos em silêncio, ansiosos por entendê-lo, e havia entre nós falantes de todas as línguas da Europa: mas a palavra de Hurbinek permaneceu secreta. Não, não era certamente uma mensagem, nem uma revelação: talvez fosse o seu nome, se tivesse tido a sorte de ter um nome; talvez quisesse dizer “fome” ou “pão”; ou talvez “carne”.

Hurbinek, que tinha três anos e talvez tivesse nascido em Auschwitz, que nunca tinha visto uma árvore; Hurbinek, que combateu como um adulto, até o último respiro, para conquistar a entrada no mundo dos homens, do qual uma força brutal o havia banido; Hurbinek, o sem-nome, cujo minúsculo antebraço também foi marcado, mesmo assim, com a tatuagem de Auschwitz.

Hurbinek morreu nos primeiros dias de março de 1945, livre, mas não redimido. Dele não resta nada: Hurbinek testemunha através destas palavras.

Junto com ele, por estas palavras pobres, magras, também testemunham as crianças do Sudão do Sul, do nordeste brasileiro, da Faixa de Gaza, de Bangladesh, da Somália, do Níger...

### 3 • O coração do bisão

[Música Heiliger Dankesang/Beethoven.]

Até aqui, com pena incompetente ou alheia, contamos a nossa história.

No final, a aposta.

Esta mesa muda.

Fome e banquete.

Uma Santa Ceia na parede.

Água na geladeira.  
Garapa no fogão.  
Uma semente estéril.

**[Toc toc toc. Fim da música.]**

Banquete e fome.  
Carne, colher, mesa, madeira.  
Pônei, marionetes, lama, lençol, livros, mapas.

A fome e a boca: humanos.  
O banquete e a fome: humanos.  
O desumano humano.

Uma aposta.  
Um fio de cabelo. Partido em três.  
(Mas também saber distinguir, ainda antes do sol  
nascer, um fio branco de um fio preto)

Porque é certo que um dia o sol se apagará.  
E ele não será engolido pelo jaguar. Será apenas mais  
uma estrela que morre.  
Isto é: o jaguar vai engolir o sol.  
É o que diz uma antiga história indígena.  
A metáfora. O discurso. A história.  
E o real.  
A realidade. A pedra. A mesa. A fome. O dinheiro.  
Vidas secas. Fome zero. País da fome.

Assim como é certo que um dia será nosso último dia  
sobre a terra.  
E nossa vida terá valido a pena. Ou não.  
Terá sido uma aventura digna. Ou vã.  
Sim?  
Sim é uma afirmação. Sim. Mas há uma interrogação  
no fim: sim?

**[Mostra o roteiro impresso ao público.]**

Sim?, metáfora ou documento?  
Como a carne. Documento. Como a carne. Decisão.  
Teatro

**[Revela o piso falso do teatro.]**

Tudo terá sido humano.  
Mas que humano? Meu pai, minha mãe? Companhei-  
ros dividindo o pão? Camaradas?  
Uma história comum? Em comum?  
Na sala ou na rua?  
Pão e terra. Pão e liberdade. Igualdade. Fraternidade.  
Justiça. Socialismo.

Uma mesa muda.

**[Ouvidos na mesa, tentando escutar algo. Música  
Heiliger Dankgesang/Beethoven.]**

Imagens.

**[Imagens projetadas de bisões. Caverna de Chauvet.]**

Estes são desenhos de bisões. Eles foram feitos há 15  
mil anos em cavernas no sul da França. Os bisões têm  
flechas cravadas na carne.

O homem da idade da pedra talvez acreditasse que a  
representação desses animais, no instante em que  
eram mortos, poderia dar a ele um poder especial. Em  
um mundo de necessidade e fome é fácil explicar esta  
superstição.

Hoje, oitocentos milhões de pessoas passam fome.

Metáfora e documento. Desenhar e caçar. A represen-  
tação e o alimento. A ficção, a vida.  
Mas este homem precisava descobrir algo muito  
importante: ele tinha que encontrar o coração do  
bisão. Era assim que ele adquiria poderes mágicos. O  
caçador-poeta tinha algo de anatomista, de cientista,  
mas imaginava ser mágico. O lugar do coração.

Onde fica o coração do bisão?

**[Silêncio.]**

Todo organismo humano precisa continuamente de energia. Senão, ele morre.

Uma flecha no coração do bisão. Um tiro. Uma flecha.  
Uma çaçada (de verdade, de mentira).  
Matar a fome com uma música (Beethoven).  
Com um poema (João Cabral):

**[Música com viola. A cena deve lembrar o coro shakespeariano da cena I.2.]**

Como todo o real  
é espesso.  
Aquele rio  
é espesso e real.  
Como uma maçã  
é espessa.  
Como um cachorro  
é mais espesso do que uma maçã.  
Como é mais espesso  
o sangue do cachorro  
do que o próprio cachorro.  
Como é mais espesso  
um homem  
do que o sangue de um cachorro.  
Como é muito mais espesso  
o sangue de um homem  
do que o sonho de um homem.

Espesso  
como uma maçã é espessa.  
Como uma maçã  
é muito mais espessa  
se um homem a come  
do que se um homem a vê.  
Como é ainda mais espessa  
se a fome a come.  
Como é ainda muito mais espessa  
se não a pode comer  
a fome que a vê.

Matar a fome  
com um bisão desenhado.

Com uma foice. Um martelo. Com uma estrela.  
Um sol.

**(E lembrar de dizer isto de forma simples, sem exagero, poupando o teatro).**

**[Silêncio.]**

Bisões.  
Brutalidade. Fome. Mentira. Lucro. Incêndio. Roubo.  
Cinismo. Arrogância. Misoginia.  
O sofrimento não melhora o homem. Mentem os que dizem o contrário!  
Como pode abraçar aquele a quem cortaram os braços?

O infinito é o rosto do outro.

**[Silêncio.]**

Aqui acaba esta história.  
História.doc. Teatro.doc. Fome.doc.  
Este fio de cabelo partido em três. Como uma tora seca. Minúscula.  
Uma esperança.  
Uma mesa muda.  
Uma enxurrada pesada sobre a terra seca.  
Fome e banquete.  
Palavras, discurso. Verbo e ação.  
Sangue, músculos, nervos, carne.  
Ar. Ideia. Luz. Voz.

Para aonde vão os nossos silêncios?  
E os infinitos silêncios mudos  
dos condenados da terra?

**[Última referência ao lençol de linho, estendido sobre a mesa.]**

Aqui onde estão os homens  
— nós conhecemos a história —  
De um lado cana-de-açúcar  
De outro lado, o cafezal  
Ao centro, os senhores sentados

Vendo a colheita do algodão branco  
Sendo colhido por mãos negras  
É a letra da música. A memória de um horror entre  
tantos horrores.

— E deus?  
— Deus? É uma das mais poderosas invenções da  
humanidade.

Metáfora e documento.  
O território e o mapa.  
A fome e a falta de fome.

A flecha e o bisão.  
A luta e o casaco guardado no armário enquanto  
milhões passam frio do lado de fora.

*[Som do solstício de inverno.]*

No solstício de inverno.  
Nosso ano-novo pagão

*(Desmoronam as paredes do teatro. Muita luz.  
Aparentemente estamos no mundo.)*

